

NOTA PRELIMINAR SÔBRE ALGUNS *Stomatopoda* DA COSTA BRASILEIRA

F. de P. Andrade Ramos

Os trabalhos carcinólogos do Instituto Paulista de Oceanografia têm sido conduzidos, com maior intensidade, rumo ao estudo dos *Decapoda*, especialmente os *Macrura*, em virtude do papel econômico por eles representado, sobretudo em relação aos camarões de tipo comercial. No entanto, essa pesquisa, pôsto que em bom andamento, ressentia-se de falhas não só devidas à falta de literatura especializada mas, também, decorrentes da impossibilidade de se colecionar material, em tôdas as épocas do ano. À vista disso e em consequência da chegada, ao nosso laboratório, de abundante e variado material carcinológico trazido pelo Diretor do Instituto Paulista de Oceanografia, Snr. Prof. W. Besnard, da excursão por êle empreendida à Ilha da Trindade e a outros pontos da costa brasileira, deliberamos examinar uma parte das coleções dos *Arthropoda* provenientes dessas regiões. Para início dos estudos, escolhemos a Ordem *Stomatopoda*, da qual possuímos dois espécimes colhidos por meio do "otter-trawl", no Banco de São Tomé, no litoral do Espírito Santo e quinze de diversos pontos do litoral paulista. Resolvemos, assim, examinar êsses exemplares, apresentando esta nota preliminar sôbre os mesmos.

Estudando as espécies do Pacifico, SCHMITT (1940, p. 139), diz, com muito acerto: "Ainda não conhecemos suficientemente bem os nossos estomatópodos para promover a determinação de espécimes jovens, pequenos ou imaturos". Partindo dêsse princípio, tivemos o cuidado de incluir no nosso trabalho sômente dados sôbre indivíduos bem desenvolvidos. Ainda assim, logo no início, duvidamos da possibilidade de nos encontrarmos em condições de identificar, sem sombra de dúvida, as espécies consideradas por outros autores como frequentes no nosso litoral. Verificamos ainda, que seríamos forçados a adquirir, no exterior, obras fundamentais e indispensáveis aos estudos nomenclaturais, providência que exigiria despesas mais ou menos avultadas ou pelo menos muito superiores ao nível dos nossos recursos financeiros. Recorrendo às bibliotecas especializadas existentes no nosso meio, reconhecemos de pronto que a escassez bibliográfica delimitaria o âmbito das nossas notas sistemáticas, seja quanto à caracterização de alguns gêneros, seja quanto à de certas espécies. Deliberamos, por isso, limitar o nosso campo de ação, apresentando agora uma nota prévia referente às espécies constantes da coleção do Instituto Paulista de Oceanografia.

É provável que a distribuição geográfica dos espécimes aqui tratados não esteja completa, pela circunstância de que nem sempre dispusemos de material abundante, bem como de dados exatos quanto aos locais de proveniência do material. Deixaremos, assim, para mais tarde, a tarefa de expender conclusões mais gerais sôbre o assunto.

Na ordem dos nossos conhecimentos a respeito dos Sstomatópodos da zona litorânea dos continentes meridionais, a América do Sul ocupa, sem dúvida, lugar de muito pequeno destaque. Enquanto o setor do Pacífico já conta com pesquisas substanciais, o Altântico figura entre os mais negligenciados. A zona leste meridional, com o Distrito Federal e os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, foi uma das melhores estudadas. Segue-se a região sul, com São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que rivalisa com o leste setentrional, integrada pela Bahia, Pernambuco e Alagoas. Do nordeste, só conhecemos raras referências ao Cabo S. Roque, afigurando-se-nos nada haver quanto ao extremo norte do país.

Entretanto, os Estomatópodos oferecem campo vastíssimo para pesquisas zoológicas e fisiológicas, não se devendo perder de vista o fato de HANSTRÖM (1931, p. 200) ter identificado, no pedúnculo ocular de um representante do gênero *Squilla*, o órgão "X" que "pela sua situação e fina estrutura apresentava analogia com os grupos celulares encontrados por Scharrer (1928, p. 32) no mesencefalo de *Phoxinus laevis*" (SAWAYA 1939, p. 44). Esse órgão, como se sabe, é considerado como o principal agente na mudança de cor dos crustáceos.

Com êste subsídio esperamos contribuir, de algum modo, para a investigação de um dos grupos menos conhecidos, no nosso meio, do Phylum do *Arthropoda*. Na realidade, pouco se sabe ainda a respeito da taxionomia dos exemplares nêle ocorrentes; a maioria dos trabalhos caracteriza-se por uma pobreza de ilustrações e por tais deficiências de diagnose que não só dificultam, sinão até impedem o entendimento das chaves de determinação.

O exame e a classificação dos espécimes colecionados na costa brasileira e constantes das coleções do Instituto Paulista de Oceanografia, só foi possível graças ao auxílio bibliográfico que nos foi gentilmente dispensado por algumas dependências da Universidade de São Paulo e da Secretaria da Agricultura. Somos, por isso, muitos gratos ao Snr. Prof. Dr. Ernesto Marcus, Diretor do Departamento de Zoologia, Dr. Paulo Sawaya, Diretor do Departamento de Fisiologia e Dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, Diretor do Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura, pelo acesso franco às bibliotecas dos citados Departamentos.

Cumpre-nos ainda agradecer ao Snr. Prof. W. Besnard, Diretor do Instituto Paulista de Oceanografia, a coleta do material obtido durante a excursão à Ilha da Trindade, bem como à Da. Hilda M. Texeira e Silva, pela oferta do material proveniente do Mercado Municipal de S. Paulo e ao Snr. Clarimundo de Jesus, pela obtenção dos espécimes de Santos. Agradecemos, também ao Snr. Kossako Kikuchi, armador, residente em

Santos, a remessa da maioria dos exemplares que figuram neste trabalho. Ao Sr. J. de Paiva Carvalho, Chefe da Secção da Fauna Marítima, agradecemos a orientação imprimida ao presente trabalho e a confecção dos desenhos que nêle figuram.

Os Estomatópodos não escaparam à arguta observação de MARCGRAVE que, ao se referir à fauna carcinológica do Brasil, não deixou de mencionar a "Tamarutáca" ou "Tamburutáca", dela fornecendo desenho muito fiel.

Uma das alusões mais antigas aos representantes das nossas águas é a de BROOKS (1886), que tratou de *Lysiosquilla* (*Lysioerichthus*) *triangulares*, do Rio de Janeiro.

Infelizmente, no nosso meio, êsses crustáceos têm sido muito pouco estudados. IHERING (1897, p. 156), ao apreciar a fauna da Ilha de São Sebastião, no Estado de São Paulo, diz: "Outra espécie parecida com os camarões é a lagosta-gafanhoto (*Squilla scabricauda* Latr.,) que se assemelha ao gafanhoto louvadeus e que vive no lôdo, servindo aos pescadores de isca". MOREIRA (1901, p. 1-5) relaciona as seguintes espécies: *Squilla dubia* M. Edwards, *S. prasinolineata* Dana, *Lysiosquilla scabricauda* (Lam.,) e *Gonodactylus falcatus* (Forskael). MOREIRA (1905, p. 157) assinala duas espécies que teve a oportunidade de estudar durante as campanhas do Annie; *Chlorodiella empusa* (Say) = *Squilla empusa* Say e *Hemisquilla braziliensis* (Moreira) = *Pseudosquilla braziliensis* Moreira. Relacionando as espécies da costa bandeirante, LUEDERWALDT (1919, p. 429), inclúe *Lysiosquilla scabricauda* (Lam.,) de Ubatuba e Ilha de São Sebastião e *Chlorodiella dubia* Milne-Edwards, de Santos, Iguape, São Sebastião e Ilha de São Sebastião. Aliás, dez anos mais tarde, êsse mesmo autor (1929, p. 52), reafirma a existência dessas duas espécies no litoral paulista.

Na relação dos crustáceos capturados na Ilha da Trindade, MOREIRA (1920, p. 130-132), não faz nenhuma menção a respeito da ocorrência de *Stomatopoda* na região. Os dados que possuímos sôbre outros pontos da costa do Brasil são relativamente escassos. OLIVEIRA (1940, p. 145), dá como existentes na baía de Guanabara as seguintes espécies: *Lysiosquilla scabricauda*, *Lysiosquilla* (*Lysioerichthus triangularis*, *Chlorodiella dubia* e *Squilla prasinolineata*. Cinco anos mais tarde, o mesmo autor (1945, p. 335-337), faz referência ao grupo, desta vez, porém, para descrever a espécie larvária *Squillerichtus aragai*, da enseada de Jurujuba.

Até o presente, diversos autores assinalaram 5 gêneros e 9 espécies em águas brasileiras, a saber:

I — Gênero *Squilla* Fabricius, 1787.

- 1 — *Squilla empusa* Say, encontrada entre 15 e 20 milhas da costa do Distrito Federal, na altura da Ilha Rasa, em profun-

didade de 60 a 80 metros; na Ilha Grande, entre o ilhóte Pau a Pino e as enseadas das Palmas e do Céu, na profundidade de 30 metros; na Ponta de Guaratiba, a 24 metros de profundidade (MOREIRA, 1905).

2 — *Squilla prasinolineata* Dana MIERS (1880, p. 4), assinala a espécie, sem mencionar a localidade; mais adiante, porém p. 19-20), esclarece que o exemplar manipulado por Dana provinha do Rio de Janeiro. MOREIRA (1903, p. 2) São Francisco do Sul (Estado de Santa Catarina). Baía de Guanabara (OLIVEIRA 1940).

3 — *Squilla dubia* Milne — Edwards (= *Chlorodiella dubia*). MIERS (l. c. p. 24), dá como distribuição geográfica da espécie: “Costa oriental da América do Norte, América Central e do Sul”. Santos, Iguape, São Sebastião, no Estado de São Paulo (LUEDERWALDT 1919, p. 429; 1929, p. 52). Mercado Municipal de São Paulo, proveniente do litoral paulista (sem data). Dádiva da Exma. Snra. Da. Hilda M. Texeira e Silva.

4 — *Squilla brasiliensis* Calman. Cabo Frio (CALMAN, 1917); SCHMITT 1940, p. 167).

II — Gênero *Lysiosquilla* Dana, 1852.

5 — *Lysiosquilla scabricauda* (Lamarck). MIERS (l. c., p. 8) menciona a ocorrência da espécie na região atlântica, acrescentando que “os espécimes do Museu Britânico são provenientes do Brasil”. Costas americanas do Oceano Atlântico, desde Charleston (GIBBES), até São Francisco, no Estado de Santa Catarina, Brasil (MOREIRA 1901, p. 1). Ubatuba e São Sebastião, Estado de São Paulo (LUEDERWALDT 1919, p. 429; 1929, p. 52). Baía de Guanabara (OLIVEIRA 1940, p. 145). Catorze exemplares, provenientes de Santos, fazem parte das coleções do Instituto Paulista de Oceanografia.

III — Gênero *Hemisquilla* Hansen, 1895.

6 — *Hemisquilla brasiliensis* (Moreira). Proximidades da Ilha Rasa a 30 milhas da costa, em profundidade de 80 a 100 metros; circunvizinhanças da Ilha do Jorge Grego, a SE da Ilha Grande, em profundidade de 80 metros (MOREIRA 1903). Banco de São Tomé, no litoral do Espírito Santo, em profundidade de 24 metros, coletado, em maio de 1950, pelo Prof. W. Besnard.

IV — Gênero *Pseudosquilla* Dana, 1852.

- 7 — *Pseudosquilla oculata* (Brullé). Maceió, Alagoas (SCHMITT 1940, p. 174).

V — Gênero *Gonodactylus* Latreille, 1825.

- 8 — *Gonodactylus oerstedii* Hensen. Brasil Fernando de Noronha (SCHMITT 1940, p. 211). Não se trata, evidentemente, da forma típica que BIGELOW (1931, p. 122) diz ser “amplamente repandida nas águas superficiais costeiras do continente e ilhas atlânticas da América tropical, como foi indicado por SMITH (1890), que examinou espécimes das Bermudas Florida Keys, Aspinwall (agora Colon), Caravelas e Abrolhos, no Brasil”. Conquanto o citado autor tenha dito que “Pocock (1890) assinalou a presença desta espécie em Fernando de Noronha, no Atlântico Sul”, somos propensos a crer que não se trata da forma típica, mas sim da que possui telson característico do Atlântico (SCHMITT, l. c., p. 213, fig. 29, a e b).

- 9 — *Gonodactylus oerstedii* var. *spinulosus* Schmitt. Cabo de São Roque (SCHMITT 1924, p. 96-98).

Neste trabalho, não nos ocuparemos das formas larvárias — *Lysiosquilla* (*Lysioerichtus*) *triangularis*, nem de *Squillerichtus aragaoi* (OLIVEIRA) 1940, p. 145; 1945 p. 335-337). Deixamos também de lado três exemplares de gênero *Gonodactylus*. O assunto será, provavelmente, abordado mais tarde, à luz das chaves analíticas de BIGELOW (1894, p. 543-549), depois que se tiver promovido o exame do material planctônico proveniente da excursão à Ilha da Trindade.

Em águas nacionais, há ainda a possibilidade de se encontrar *Lysiosquilla scolopendra* (Latreille), que MIERS (l. c., p. 3) supõe frequentar a costa brasileira, dizendo que ela “faz parte da coleção de Crustáceos trazida do Brasil por M. Lalande”. MOREIRA (1901, p. 2) diz, a êsse respeito: “Claus dá *Lysiosquilla scolopendra* (Ltr.), *Coronis scolopendra* Ltr., como do Brasil, (Grundzuger der Zoologie v. I, p. 610 (1880); esta asserção é, entretanto, se não infundada, ao menos problemática, pois nem M. Edwards (Hist. Nat. Crust., v. II, p. 53 (1837), nem Miers (Ann. and Mag. of Nat. Hist. (5) V, p. 9 (1880) garantem-lhe essa procedência, inclinando-se antes a crer que Lalande a tenha obtido na ilha da Madeira e reunido a outros Crustáceos no Brasil”. KEMP (1913, p. 204), menciona, com reservas, a ocorrência dessa espécie no Brasil. Este autor (l. c., p. 201) faz figurar, no nosso território, *Squilla panamensis* Bigelow, mas é provável que se trate de *Squilla brasiliensis* Calman que, tanto êle como SCHMITT (l. c., p. 167) admitem ser semelhante à “Variedade C”, da espécie de Bigelow. Quanto à *Gonodactylus falcatus*

(Forskael), MOREIRA (1901, p. 1), diz que S. J. Smith põe “em dúvida a identidade dos exemplares coligidos pelo Prof. Hartt em Abrolhos e Caravellas, Estado da Bahia — com o *G. falcatus* do antigo continente, reconhece, entretanto, que não diferem da espécie própria das Antilhas e Flórida, que B. Sharp considera como *G. falcatus* e, segundo êste naturalista, vive em todos os mares”. Essa opinião, aliás, já fôra esposada por Stebing (1893, p. 286-287).

A determinação dos *Stomatópoda* das coleções do Instituto Paulista de Oceanografia foi baseada na chave de determinação dos gêneros organizada por KEMP (l. c., p. 16) e modificada por SCHMITT (l. c., p. 137-138, como segue):

I — Articulação ísquio-humeral da garra preensora terminal normal; *merus* com a porção inferior entalhada, de modo a abrigar o *propodus* em tôda a sua extensão; *propodus* finamente pectinado ou com uma série de espinhos fixos ao longo da margem externa da superfície dorsal; *dactylus* sem entumescimento na base, salvo quanto ao gênero *Coronida*.

A — Carapaça dotada de carenas evidentes; sulco cervical bem pronunciado, ocupando todo o dorso; primeiros cinco somitos abdominais com carenas longitudinais; *dactylus* da garra preensora armado de dentes na margem interna ... *Squilla*.

B — Carapaça sem carena (exceto em *Pseudosquilla ferrusaci* Roux, do Mediterrâneo); sulco cervical ausente no dorso da carapaça; ausência de carenas do primeiro ao quinto somito abdominal.

(1) Abdomen geralmente comprimido, raramente muito achatado (como em *Pseudosquilla valeronis*); *telson* com carena mediana bem evidente, profunda e (nos adultos), geralmente acompanhada de uma ou mais carenas adicionais de cada lado; dentes submedianos com pontas ou espinhos móveis; ausência de dentículos submedianos (ao menos nos adultos).

a) *Dactylus* da garra preensora, com 3 a 4 dentes na margem interna, mas, às vezes, existindo de 7 a 9 (*P. valeronis*), incluindo nesse número o terminal ... *Pseudosquilla*.

b) *Dactylus* da garra preensora sem dentes na margem interna, salvo o terminal *Hemisquilla*

(2) Abdomen achatado dorso-ventralmente.

a) *Rostro* com espinhos mediano interno; *dactylus* da garra preensora sem entumescimento na base, armado, ao menos, com 4 dentes (sem contar o terminal), na margem interna; *telson* sem carena mediana verdadeira, liso ou rugoso, sem espinhos ou dentículos submedianos ou com fileira transversa ou anel de espinhos *Lysiosquilla*.

- b) *Dactylus* da garra preensora com a base entumescida, provido de 3 dentes (não incluindo o terminal); *telson* engrossado, fortemente guarnecido de espinhos pequenos, espínculas delicadas ou tubérculos grandes; presença ou ausência de carenas submedianas *Coronida*.
- aa) *Rostro* anteriormente dividido por incisão profunda, formando dois prolongamentos fortemente denteados *Coronodopsis*.

II — Articulação isquio-humeral da garra preensora não terminal, situada um tanto anteriormente, em relação à extremidade proximal do *merus*; dêsse ponto, na direção dorsal, essa articulação se torna mais evidente; superfície ventral do *merus* escavada, local onde o *propodus* se abriga em 3/4 partes do seu comprimento; *dactylus* com a base entumescida.

- a) *Dactylus* da garra preensora sem dentes na margem interna, salvo o terminal *Gonodactylus*.
- b) *Dactylus* da garra preensora com dentes na margem interna, além do terminal *Odontodactylus*.

* * *

Gênero *Squilla* Fabricius, 1787.

Squilla brasiliensis Calman

Est. I, fig. 1.

Squilla panamensis Bigelow 1894, vol. 17, p. 526, fig. 17-18; Kemp 1913, vol. 4, p. 201; Schmitt 1940, p. 167.

No estudo dos exemplares pertencentes ao gênero *Squilla*, seguimos SCHMITT (l. c., p. 139), isto é, consideramos a prioridade dêsse gênero sobre *Clorida* Eydoux e Souleyet e sobre *Chloridella* Miers.

Na diagnose desta espécie da baía de Paranaguá (Estado de São Paulo) e de Peruíbe (Estado de São Paulo), consideramos os seguintes caracteres: olhos bilobados; cinco primeiros segmentos abdominais providos de carenas longitudinais; *dactylus* da garra preensora não entumescido na base, com 4 dentes na margem interna; *telson* unido ao sexto segmento abdominal por meio de articulação móvel; porção posterior do corpo, larga e deprimida; presença de 3 dentículos intermediários e 2 submedianos, no *telson*; lóbulos pre-laterais pequenos, não terminando em ponta; em um dos exemplares, o dente lateral esquerdo do *telson* acha-se fundido com o intermediário (fig. 1); carena mediana terminando em ponta fina; na porção anterior da carena há uma fissura transversa bem pronunciada.

	Exemplar	
	N.º 1	N.º 2
Comprimento do corpo, excluindo o rostro	145 mm	116 mm
Carapaça	39 "	26 "
Rostro	6 "	4 "
Largura anterior da carapaça	15 "	14 "
Proporção da carapaça no comprimento total	1/11	1/8

A espécie é muito semelhante à "Variedade C", de *S. panamensis* Bigelow, conforme acentuaram CALMAN e SCHMITT.

Ocorrência: Baía de Paranaguá (Estado do Paraná); Peruíbe (Estado de São Paulo); Cabo Frio, onde CALMAN (l. c., p. 139) obteve o tipo.

Squilla dubia H. Milne — Edwards

Est. I, fig. 2.

Squilla alba BOONE 1930, vol. 2, p. 35; *Squilla dubia* BIGLOW 1937, vol. 17, p. 518; SCHMITT 1940, vol. 5, n.º 4, p. 155-156.

O pedúnculo ocular dilatado, em forma de garrafa, com estrangulamento distal logo abaixo da córnea disposta obliquamente sobre o pedúnculo ocular identifica perfeitamente esta espécie do litoral paulista.

A garra acha-se provida de 6 dentes, cinco grandes e um muito pequeno. A carena mediana não é bifurcada; os processos laterais do 5.º sômito torácico possuem um espinho pontudo de cada lado, ligeiramente inclinado para a frente. A fórmula dos dentículos é a seguinte: 2, 3, 1.

Comprimento do corpo excluindo o rostro, 120 mm; carapaça 25 mm; rostro 4 mm; largura anterior da carapaça 13 mm; proporção da carapaça no comprimento total 1/9.

Ocorrência: Adquirido no Mercado Municipal de São Paulo e ofertado gentilmente às coleções do Instituto Paulista de Oceanografia, pela Exma. Snra. Da. Hilda M. Texeira e Silva.

Gênero *Lysiosquilla* Dana, 1852.

Lysiosquilla scabricauda (Lamareck)

Est. I, fig. 3.

Lysiosquilla scabricauda MIERS 1880, p. 8; MOREIRA 1901, p. 1-2; LUEDERWALDT 1919, p. 429; 1929, p. 52; OLIVEIRA 1940, p. 145.

O corpo anterior é mais ou menos achatado e desprovido de carenas longitudinais; corpo posterior alargado e deprimido; sexto segmento

abdominal separado do *telson* por articulação móvel; olhos grandes e triangulares; *dactylus* da garra preensora com 9 dentes fortes, não tendo entumescimento na base; *telson* de formato semicircular, rugoso, amplo, mais largo do que comprido, dotado de granulações finas de cada lado da carena mediana, em forma de língua; faces laterais e pre-laterais e intermediários curvados para dentro, os segundos laterais providos de dois pequenos prolongamentos; dentes submedianos (um de cada lado), pequenos e quase retos; denticulos submedianos, em números de 4 de cada lado, fundidos e com a margem posterior sinuosa. Esse curioso tipo de *telson*, segundo BERRY (1939, p. 462) foi comparado com o de *Squilla antiqua*, por MÜNSTER (1842), que estudou este espécime fóssil do Eoceno.

MOREIRA (1901, p. 2) diz que “segundo Miers, a espécie descrita por Herklots como *Squilla Haeveni* e procedente da costa ocidental africana é idêntica a esta, o que vem provar que sua área de dispersão geográfica se estende a tôdas as costas americanas e africanas de iguais latitudes, banhadas pelo Atlântico”.

As medidas obtidas em 14 (catorze) exemplares, são as seguintes:

	E X E M P L A R													
	N.º													
	Medidas em milímetros													
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Comprimento do corpo sem o rostro.....	160	171	171	172	187	198	207	210	222	242	175	224	180	160
Carapaça....	30	32	33	34	35	40	39	34	44	43	34	42	34	29
Rostro.....	6.5	7	8	9	7	9	9	9	9	9	8	9	8	8
Largura anterior da carapaça.....	30	36	30	36	40	37	45	28	42	30	27	43	32	33
Carapaça no comprimento total.....	1 5.3	1 5.7	1 4.7	1 4.8	1 4.7	1 5	1 4.6	1 5	1 5.7	1 8	1 5.1	1 5.3	1 5.2	1 5.5

Os espécimes de Santos foram capturados, à noite, por meio do arrastão.

Ocorrência: Santos, São Sebastião, Ubatuba, Baía de Guanabara, São Francisco (Estado de Santa Catarina).

Gênero *Hemisquilla* Hansen, 1895

Hemisquilla braziliensis (Moreira)

Est. I, fig. 4.

SCHMITT 1940, p. 180, fig. 18 b.

O corpo anterior é achatado, com o sexto segmento abdominal não fundido com o *telson*; corpo posterior liso e muito convexo; o rostro é triangular não sendo iniciado por ponta aguda; os olhos são claviformes; o *dactylus* da garra preensora não possui nenhum dente; o *telson* (fig. 3) tem, de largura, o dôbro do comprimento, achando-se munido de seis dentes marginais; dentes pre-laterais, recurvados para dentro, mas sem espinho apical; dentes submedianos providos de espinho apical; nos locais onde deviam figurar os dentículos intermediários, há uma excrecência que termina com espinho aguçado; sôbre o *telson*, figuram o tubérculo mediano que é estreito e alongado e dois outros laterais, quase crescentiformes.

	Exemplar N.º 1	Exemplar N.º 2
Comprimento do corpo, excluindo o rostro	176 cm	123 cm
Carapaça	33 "	24 "
Rostro	8 "	6 "
Largura anterior da carapaça	25 "	18 "
Carapaça contida no comprimento total	1/7	1/7

Ocorrência: Ilha Rasa, Ilha do Jorge Grego e Banco de São Tomé.

SUMÁRIO

Tendo o Instituto Paulista de Oceanografia recebido abundante material carcinológico coletado pelo seu Diretor, Prof. W. Besnard, na excursão realizada à Ilha da Trindade e a outros pontos do País, deliberou o autor examinar os *Arthropoda* dessa região.

Conquanto interessado, particularmente, pelos *Decapoda Macrura*, deliberou o autor estudar os *Stomatopoda* recebidos, desde que, além dêles, as coleções do Instituto Paulista de Oceanografia possuíam diversos representantes do litoral do Estado de São Paulo e da costa do Estado do Espírito Santo.

Na ordem dos nossos conhecimentos a respeito dos exemplares da região litorânea dos continentes meridionais, a América do Sul ocupa, sem dúvida, lugar de muito pequeno destaque. Enquanto o setôr do Pacífico já conta com pesquisas substanciais nesse terreno, o Atlântico figura entre as regiões mais negligenciadas.

Nesta nota prévia, examinam-se, portanto, 9 (nove) espécies assinaladas por diversos autores, ao longo da costa brasileira. Delas, até o presente, foram identificadas, nas coleções do Instituto Paulista de Oceanografia, 4 (quatro). O autor se manifesta sôbre as mesmas, dando de cada uma um desenho elucidativo de suas partes essenciais, de modo a facilitar a outrem a identificação. Dessa maneira, espera o autor ter contribuído, de algum modo, para a investigação de um dos grupos do Phylum dos *Arthropoda*, menos pesquisados no Brasil.

ABSTRACT

As the Instituto Paulista de Oceanografia (The São Paulo Oceanographic Institute) received a great deal of carcinological material collected by its Director, Prof. W. Besnard, on the trip made to the Ilha da Trindade (20° 30' 00" S. & 29° 22' 00" W.), the author resolved to examine the *Arthropoda* of that region.

Although especially interested in the *Decapoda Macrura*, the author determined to study the received *Stomatopoda*, considering that, besides these samples, the collections of the Instituto Paulista de Oceanografia possessed several specimens of the littoral of the State of S. Paulo and of the coast of the State of Espirito Santo.

Respecting our knowledge about the specimens of the littoral region, South America surely occupy but a place of little importance in the range shown substancial researches in that matter, the Atlantic region is considered as one of the most neglected.

In this previous note we are considering, therefore, nine species found by several authors along the Brazilian coast. From these ones, four could be identified in the collections of the Institute. The author refers to them, giving an explaining sketch of the essential parts of each of them. Thus, the author hopes to have given a contribution, at this rate, to the investigation of one of the groups of the *Arthropoda* Phylum, less studied in Brazil.

BIBLIOGRAFIA

- BERRY, C. T., 1939 — A summary of the fossil Crustacea of the Order *Stomatopoda* and description of a new species from Angola. The Amer. Midd. Nat., vol. 21, n.º 2, p. 461-471. Indiana.
- BIGELOW, R. P., 1894 — Scientific Results of explorations by the U. S. Fish Comission Albatross, XXXII. Report on the crustacea fo the order *Stomatopoda* coll. by steamer Albatross, between 1885 and 1891, and other specimens in the U. S. Nat. Mus., vol. XVII, p. 489-550. Washington.
- BIGELOW, R. P., 1931 — Stomatopoda of the southern and eastern Pacific Ocean and Hawaiian Islands. Bull. Mus. Comp. Zool., vol. LXXII, n.º 4, p. 105-191, est. I-II. Cambridge.

- BOONE, L., 1930 — Crustacea: Stomatopoda and Brachyura. Scientific Results of the cruises of the yachts "Eagle" and "Ara", 1921-1928. William Vanderbilt commanding. Bull. of the Vanderbilt Marine Museum, vol. II, p. 1-228. New York.
- BROOKS, W. K., 1886 — Report on the *Stomatopoda* collected by H. M. S. Challenger, Zool., vol. XVI, p. 1-116, est. I-XVI. London.
- HANSTRÖM, B., 1931 — Neue Untersuchungen über Sinnesorgane und Nervensystem der Crustaceen. I. Zeit. Morph. u. Ökolog. Tiere, vol. 23, p. 80-236. Berlin.
- IHERING, H. von 1897 — A Ilha de São Sebastião. Rev. Mus. Paulista, vol. II, p. 129-171. São Paulo.
- KEMP, S., 1913 — An account of the Crustacea Stomatopoda of the Indo-Pacific region based on the collection in the Indian Museum. Mem. Ind. Mus., vol. IV, n.º 1, p. 1-127, est. I-X. Calcutá.
- LUEDERWALDT, H., 1919 — Lista de Crustáceos superiores (Thoracostraca) do Museu Paulista, que foram encontrados no Estado de São Paulo, por H. Luederwaldt, naturalista do Museu Paulista. Rev. Mus. Paulista, vol. XI, p. 429-435. São Paulo.
- LUEDERWALDT, H., 1929 — Resultados de uma excursão científica à Ilha de São Sebastião, no litoral do Estado de São Paulo e em 1925. Rev. Mus. Paulista, vol. XVI, p. 1-79. São Paulo.
- LUNZ, G. R., jr., 1937 — Stomatopoda of the Bingham Oceanographic Collection. Bing. Oc., Coll. vol. V, art 5, p. 1-19, 10 figs. New Haven.
- MIERS, E. J., 1880 — On the Squillidae. Ann. & Mag. Nat. Hist., ser. 5, vol. V, p. 1-30. London.
- MOREIRA, C., 1901 — Contribuição para o conhecimento da fauna brasileira. Crustáceos do Brasil. Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, vol. XI, p. 1-151, Rio de Janeiro.
- MOREIRA, C., 1903 — Crustáceos da Ponta do Pharol em S. Francisco do Sul, no Estado de Santa Catarina. Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, v. XII, p. 119-123. Rio de Janeiro.
- MOREIRA, C., 1905 — Campanhas de Pesca do "ANNIE". Crustáceos. Arch. Mus. Nac. do Rio de Janeiro, vol. XIII, p. 124-145, est. I. Rio de Janeiro.
- MOREIRA, C., 1920 — Faune Carcinologique de L'île de la Trindade. Bull. Soc. Zool. France, vol. XLV, n.º 3-7, p. 125-132. Paris.
- OLIVEIRA, L. P. H., 1940 — Contribuição ao conhecimento dos crustáceos do Rio de Janeiro. Catálogo dos crustáceos da Baía de Guanabara. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, vol. 35, fasc. 1, p. 137-151. Rio de Janeiro.
- OLIVEIRA, L. P. H., 1945 — Sobre uma nova espécie de Crustáceo Stomatopoda, *Squilla richthys aragaoui*. Mem. Inst. Oswaldo Cruz, vol. 41, fasc. 2, p. 335-336, 1 est. Rio de Janeiro.
- SAWAYA, P., 1939 — Sobre a mudança de cor nos Crustáceos. Contribuição para o estudo da fisiologia dos cromatóforos e dos hormônios dos invertebrados. Tese, p. 1-106. São Paulo.
- SCHMITT, L. W. 1940 — The Stomatopods of the west coast of America. Allan Hancock Pacific Expedition, vol. 5, n.º 4, p. 127-225. Los Angeles.
- STEBING, T. R. R., 1893 — A History of Crustacea. The International Scientific Series, XVII+466, D. Appleton & Company. New York.

Estampa I

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA I

- Fig. 1 *Squilla braziliensis* Calman, de Peruíbe, Estado de São Paulo.
Fig. 2 *Squilla dubia* H. Milne-Edwards. Mercado Municipal de São Paulo.
Fig. 3 *Lysiosquilla scabricauda* (Lamarek), de Santos, Estado de São Paulo.
Fig. 4 *Hemisquilla braziliensis* (Moreira), do Banco de São Tomé, E. do Espírito Santo.

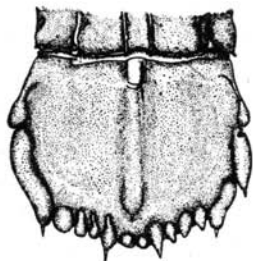


FIG. 1

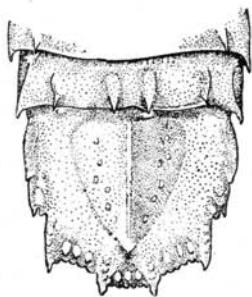


FIG. 2

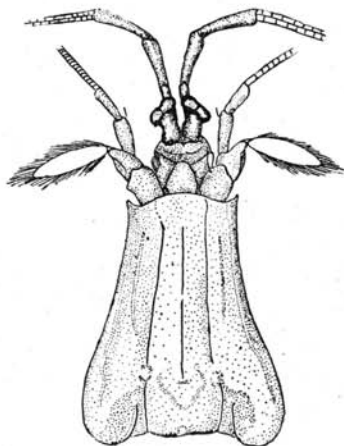


FIG. 2

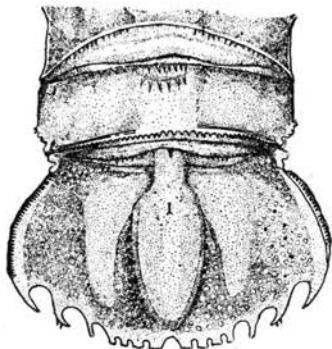


FIG. 3

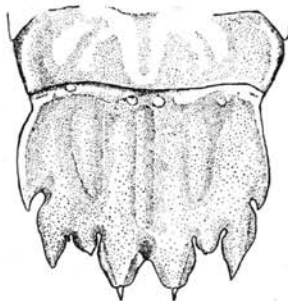


FIG. 4